

O fim da pobreza

Paulo Gadelha
Desembargador Federal do
TRF da 5ª Região

O título do presente ensaio pode parecer, de início, que o desenvolvimento integrado sepultou a fome, a miséria, a exclusão social, a pobreza.

Infelizmente, ainda não chegamos a tão almejado estágio.

O *Fim da Pobreza*, a que me reporto, é o nome de um ensaio, aliás volumoso ensaio de três mil páginas, escrito pelo economista americano Jeffrey Sachs, mestre em economia em países emergentes, e, por outro lado, domador de hiperinflação, como, por exemplo, no caso da Bolívia, quando conseguiu equilibrar um modelo de inflação que chegou a 25.000%, isto mesmo, vinte e cinco mil por cento, ao ano.

Agora, com a publicação do documento – *Fim da Pobreza* – ele receita alternativas para erradicar a pobreza no mundo.

Para o Brasil, país em busca do desenvolvimento, os ensinamentos do professor Jeffrey Sachs se ajustam como a mão à luva.

Até por uma questão pragmática e programática.

É que – sabem muitos – o Brasil é um dos subscritores do documento – *Declaração e Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU*. Um compromisso internacional com o selo das coisas respeitáveis.

Assim, quando a Organização das Nações Unidas estabelece a data-limite no ano de 2025, para erradicar, em definitivo a nódoa da pobreza nos cinco continentes, o Brasil deve ficar antenado com as lições do autor de o *Fim da pobreza* e ajudá-lo nos seus objetivos.

Para o mestre norte-americano, o grande instrumento para se promover o crescimento harmônico de todos os povos é sensibilizar os países ricos à vigorosa política de promoção social, doando 150 bilhões de dólares por ano até 2025

Pode parecer uma cifra estratosférica, mas não o é.

O orçamento anual militar dos Estados Unidos é da ordem de 500 bilhões de dólares.

Depois, no ano de 2002, os países mais ricos do mundo pactuaram destinar 0,7% do Produto Interno Bruto de cada um para programas sociais, buscando promover o desenvolvimento das nações mais pobres.

Das chamadas nações economicamente ricas, apenas cinco honraram o compromisso assumido: Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda e Luxemburgo.

Outras seis vão, também, cumprir o ajuste de vontades: França, Inglaterra, Espanha, Bélgica, Irlanda e Finlândia.

Falta, todavia, a participação norte-americana.

Os Estados Unidos têm experiência na ajuda aos países pobres.

Sem a Casa Branca programa algum, deste naipe, decola.

É, nesta área, que se faz inadiável a união dos países pobres, mostrando ao Gigante do Norte que foi o Plano Marshall, sob sua inspiração e comando, quem levantou a Europa destruída pelas botas do nazismo e do fascismo.

Jeffrey Sachs, igualmente, pensa assim. Seu programa tem muito a ver com a filosofia do Plano Marshall.

Vale a pena repetir o que deu certo.